

LAVANDO ROUPA SUJA: UMA ANÁLISE DA MÚSICA “MEU NAMORADO É MÓ OTÁRIO” DE MC CAROL

Juliana Francisco PEREIRA

Orientadora: Profa. Dra. Monica Graciela Zoppi Fontana

Resumo: “Meu namorado é mó otário”, música da cantora de funk MC Carol, é, por diversas vezes, questionada pelo público se trata-se de uma música com viés feminista ou não. Sendo assim, essa análise discursiva se inicia a partir de um efeito de contradição causado, de acordo com comentários do público da cantora retirados das redes sociais *Twitter* e *Facebook*, ao apresentar um homem que divide tarefas domésticas (lava as calcinhas da namorada) e é qualificado como mó otário. E como é visto o ato de lavar calcinhas de uma mulher realizado por um homem na memória discursiva? assim, foi recorrido às ferramentas de busca das redes sociais *Facebook* e *Twitter* a fim de verificar o funcionamento da palavra-chave “lavar calcinha” e também da palavra-chave “lavar cueca” relacionadas à figura feminina e masculina. Visto que os textos de Pêcheux (2012, 2014) e Courtine (1999, 2014) foram fundamentais para a análise da materialidade discursiva apresentada.

Palavras-chave: Calcinha; Análise de discurso; MC Carol; Feminismo; Linguística.

INTRODUÇÃO

A música “Meu namorado é mó otário”¹, da cantora e compositora carioca MC Carol, foi lançada em forma de videoclipe no ano de 2012 na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*. Sob fundo *Chroma Key*, a cantora mostra-se sorridente enquanto dança e canta sua música; as imagens de pétalas de rosa que caem e os sons de gemidos ao fundo são responsáveis por proporcionar um efeito de sentido cômico ao vídeo. Essa foi a música da cantora com maior número de visualizações, mais de 7,8 milhões de *views*², que até hoje conquista fãs por sua letra divertida. Vejamos a letra da música:

Meu namorado é mó otário
Ele lava minhas calcinha
Se ele fica cheio de marra
Eu mando ele pra cozinha

Se tu não tá gostando
Então dorme no portão
Porque eu vou pro baile
Vou pra minha curtidão

¹ Videoclipe disponível no site: <https://www.youtube.com/watch?v=vPh-GPz2rWs>.

² De acordo com pesquisa realizada no próprio site do YouTube no dia 19 de outubro de 2018.

Aca, aca, aca, aca, acaba com essa...

Vai!

Vai!

Vai!

Aca, aca, aca, aca, acaba com essa...

Vai!

Vai!

Vai!

Foi esta a canção escolhida para análise dentro de um vasto repertório da artista já consolidada dentro do gênero musical funk. Ao iniciar da música, especificamente em seus dois primeiros versos: “Meu namorado é mó otário/ Ele lava minhas calcinha”, já nos deparamos com uma **contradição marcada** em que se funda na recusa do adjetivo “otário” para qualificar o namorado que lava calcinhas por uma parcela do público que se identifica como feminista³, alegando que o homem que também tem tarefas domésticas a cumprir (lavar roupa e cozinhar, que é o que segue na letra da música), estaria contribuindo para uma divisão justa de trabalho e não lhe caberia ser classificado como otário; enquanto que outra parcela do público feminista não apresenta incômodo com a presença do adjunto adnominal “otário”; portanto, para eles, esses versos **não produzem um efeito de contradição**.

1. MATERIALIDADE DISCURSIVA

Primeiramente, observei tal contradição vinda de amigos e colegas próximos, que diziam não gostar da música por conta do adjetivo “otário”. Depois, notei que era uma crítica que se expandia para além do meu círculo de amizade e não somente se enquadrava na categoria feminista. Visto que assuntos polêmicos e de grande repercussão estão em constante circulação na internet, mais especificamente nas redes sociais, foram encontrados alguns dizeres em posts de *Facebook* e *Twitter* que confirmam essa hipótese. Vejamos:

No *tweet* representado pela figura 1, há a transcrição de um trecho da música, “Meu namorado é mó otário/ Ele lava minhas calcinhas”, usada para afirmar a hipótese levantada pelo usuário da rede de que se trata de uma música machista; pois, a partir do

³. Já ao iniciar da pesquisa é importante termos em mente que há um efeito universalizante no feminismo que, por vezes, leva a tê-lo por um pré-construído; um feminismo único e totalitário ou um feminismo do qual outros feminismos se derivariam. Nos comentários que colocam a música da cantora MC Carol como sendo ou não feminista não há uma especificação sobre qual feminismo ela pertence ou não pertence. Portanto, é importante pensar, no decorrer da presente pesquisa: em qual dos feminismos se enquadra o apontamento sobre a cantora? Seria o feminismo pregado pela mulher branca de classe média? pela mulher negra? pela mulher transsexual? De que feminismo se fala e em que momento ele aparece como universal?

funcionamento dos sentidos colocados em oposição, percebemos se tratar de preposições antagônicas representadas por uma disjunção bicondicional, em que a música é machista se somente se o “cara” for otário por lavar calcinhas da namorada.

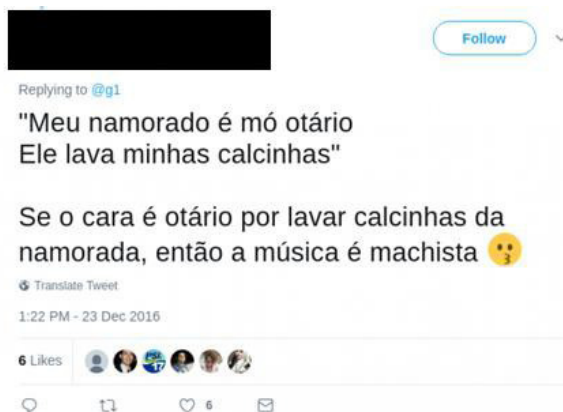


Figura 1 - *Tweet* do dia 23 de dezembro de 2016 com discordâncias da letra de MC Carol.
Fonte: *Twitter*⁴.

A figura 2 nos traz um *tweet* de 2018 em que é colocado em questão o porquê de MC Carol não ser enquadrada, assim como MC Diguinho⁵ em “Surubinha de leve”, como machista. Assim, vemos como exemplo o *tweet* de homem que coloca a música de MC Carol em comparação com uma música que faz apologia ao estupro:

⁴. Disponível em: <<https://Twitter.com/JrEnki/status/812317549526478848>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

⁵. No período em que o post foi feito, MC Diguinho foi alvo de críticas sobre a letra de sua música intitulada “Surubinha de leve”. O trecho da música em que diz “Taca a bebida / Depois taca a pica / E abandona na rua” causou revolta nas redes sociais, dentre elas o Twitter em que circularam vários tweets sobre o cantor; alguns sobre a letra ser machista e fazer apologia ao estupro; já outros, relativizaram a questão e até mesmo compararam a letra da música “Surubinha de leve” de MC Diguinho com a letra da música “Meu namorado é mó otário” de MC Carol declarando que as duas canções são machistas. Com toda a repercussão, Youtube, Spotify, Deezer e Apple Music excluíram a música “Surubinha de leve” de suas plataformas (de acordo com o jornal Gazeta do Povo, disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/surubinha-de-leve-crime-ou-liberdade-de-expressao-156ktc52sr5b946690ww41ts9/>>. Acesso em: 20 de jun. 2018.); o que fez o cantor gravar uma nova versão para música.

No decorrer da pesquisa, passado o auge da polêmica, me deparei com a dificuldade de encontrar a música original, tanto o áudio quanto a letra, na internet. Ou seja, não só foi criada uma nova versão, como também foi censurada a versão original.

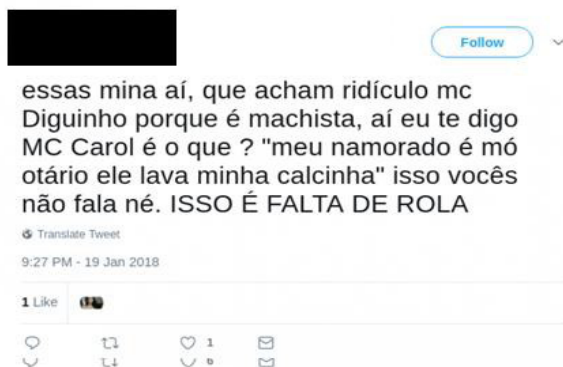


Figura 2 - *Tweet* do dia 19 de janeiro de 2018 com discordâncias da letra de MC Carol. Fonte: *Twitter*.

Já na figura 3, vemos o *post* de um homem que copia um trecho da música da MC e faz o seguinte questionamento: “Empoderamento feminino ou reprodução da lógica machista?”, seguido do link para a música “Meu namorado é mó otário”.



Figura 3 - Postagem no facebook de 21 de novembro de 2014 questionando a letra de MC Carol. Fonte: *Facebook*.

O que vemos na figura 3 é o funcionamento de uma disjunção inclusiva, em que para o resultado da proposição ser verdadeiro basta que uma das proposições seja verdadeira.

⁶. Disponível em: <<https://Twitter.com/Glanerzinho/status/954495462379311110>> . Acesso em: 18 jun. 2018.

⁷. Disponível em: <<https://www.facebook.com/claudio.magno.106/posts/800072920066469>>. Acesso em: 19 jun.

No caso dessa postagem em específico, o autor afirma que ambas as proposições são verdadeiras: “na verdade a pergunta é uma pegadinha... a vida não é tão dicotômica. Eu diria que ambas são verdadeiras! Em parte é empoderamento e em parte é machismo. Mas quero ver o que a galera acha!”⁸. A pergunta que cabe para nós é: por que as duas afirmações?

Em seus posts, tanto no *Facebook* quanto no *Twitter*, o usuário em questão costuma fazer postagens sobre feminismo e em um de seus *tweets*, representado na figura 4, se autodeclara um homem feminista; o que o situa dentro do grupo de pessoas feministas que colocam a música “Meu namorado é mó otário” fora da esfera feminista.



Figura 4 - *Tweet* do mesmo homem que fez o *post* representado na figura 3. Datado em 25 de novembro de 2012.

Fonte: *Twitter*⁹.

Em relação aos que apoiam a letra da música, é possível encontrar maior número de posts. Em um deles, representado na figura 5, a usuária da rede social *Twitter* fez a seguinte postagem classificando a música de MC Carol, como hino feminista e a comparando com a música *Flawless*, que teve grande repercussão sobre público feminista¹⁰, da cantora Norte Americana Beyoncé:

⁸ Comentário retirado da mesma postagem de Facebook apresentada na figura 3. Disponível em: <<https://www.facebook.com/claudio.magno.106/posts/800072920066469>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/spellboxxx/status/272700857081024512>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

¹⁰ Exemplo disso é a tese da estudante britânica Molly Inglis sobre o feminismo presente nas letras das músicas de Beyoncé (Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-39802868>>. Acesso em: 26 jun. 2018.), incluindo a música “*Flawless*” que apresenta um trecho da palestra intitulada “Todas deveríamos ser feministas” da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Essa mesma música foi divulgada na revista “*Time*” em sua tradicional lista das 10 melhores músicas do ano (Disponível em: <<http://time.com/collection-post/3613567/top-10-best-songs/>>. Acesso em: 25 jun. 2018.).



Figura 5 - *Tweet* pró MC Carol, postado em 30 de julho de 2015.
Fonte: *Twitter* .

Notamos que esse *tweet* traz uma construção comparativa (por conta do “é tipo”); a comparação da música de MC Carol, artista brasileira, com a música de Beyoncé, artista norte americana conhecida mundialmente, é a forma que a autora do *tweet* encontra para exaltar a música de MC Carol. Sendo assim, já que Beyoncé é uma artista reconhecida mundialmente por suas canções e sua pauta feminista, uma forma de elogiar MC Carol seria comparar as músicas das duas cantoras. Dessa forma, Mc Carol é elogiada por associação:

x “é tipo” y, que é muito bom. Portanto, x também é muito bom

Ao marcar esse impasse e essa contradição na letra da música em apresentar ao público do funk um homem que cumpre tarefas domésticas e logo de imediato ligá-lo a um adjetivo pejorativo, essas pessoas nos trazem uma primeira questão problema, que é um problema, se é que assim o podemos chamar, que norteia a língua de modo geral. Trata-se do que a priori podemos tratar por polissemia. Ou seja, estamos sempre nos deparando com enunciados que apresentam mais de um sentido, mais de uma significação, aparente ou não, e isso pode e ocorre até mesmo dentro de uma mesma Formação Discursiva¹² (FD), sempre levando em conta que somos seres atravessados pela história e pela ideologia¹³ .

¹¹. Disponível em: <<https://Twitter.com/dibaraujo/status/626824453494804480>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

¹². Aqui, temos Formação Discursiva como o conceito apropriado e reformulado por Pêcheux: “Chamaremos, então, formação discursiva [grifo do autor] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)” (PÊCHEUX, 2014).

¹³. A que Althusser traz em seu livro “Aparelhos ideológicos de estado”: “[...] toda ideologia interpela os indivíduos concretos como sujeitos concretos [grifo do autor], pelo funcionamento da categoria de sujeito” (s.d.,p. 98-99).

Se voltarmos à motivação da análise, podemos dizer que os que negam o termo otário estariam colocando essa música fora de uma possível FD feminista¹⁴ (PÊCHEUX, 1971)? ou a estariam colocando com ressalvas? e as pessoas que não se incomodam com a letra, não enxergam esse impasse ou não veem as contradições como algo excludente para uma Formação Discursiva?

Bom, nesta pesquisa não procuraremos saber o porquê das discordâncias entre essas pessoas do público feminista; porém, saber que ela existe e tencionar essa contradição, pode trazer reflexões importantes para os estudiosos da Língua visando opacizar e voltar cada vez mais no que a princípio se mostra como óbvio.

1.1. Oração reduzida justaposta, orações subordinadas adverbiais causais/ consecutivas e efeitos de sentido em disputa

Em vista disso, damos início à análise partindo do ponto em que o foco dessa contradição está no efeito de sentido da palavra otário dentro do verso e, conseqüentemente, dentro da letra da música. Primeiro, é preciso salientar que ao analisar os versos “Meu namorado é mó otário/ ele lava minhas calcinha” não podemos esquecer que se trata de uma oração reduzida justaposta, pois não há nenhum conectivo que ligue as duas orações (“Meu namorado é mó otário” e “ele lava minhas calcinha”); mas assumir a justaposição na sequência discursiva em questão não impede que façamos paráfrases em que operam orações subordinadas adverbiais causais e consecutivas, pois essas orações subordinadas, por serem justapostas, abrem margem para efeitos de sentido em que cabem causais e consecutivas. Assim sendo, de início, pode-se dizer que se trata de uma sentença equívoca, pois pode se tratar tanto de uma oração subordinada adverbial consecutiva quanto causal, vejamos:

Meu namorado é tão otário quelavaminhascalcinha - **consecutiva**
(causa) (consequência)

Meu namorado é muito otário porquelavaminhascalcinha - **causal**
(consequência) (causa)

Portanto, para tencionar a possibilidade de outros sentidos, recorreremos às relações parafrásticas que cada sentença possibilita fazer:

¹⁴. Pensando em feminismos (no plural), ou seja, será que o questionamento direcionado a música de MC Carol está lhe “retirando” de dentro de uma formação discursiva que cabem os feminismos ou lhe “retira” de um feminismo específico?

Tabela 1 - Consecutivas e causais:

Consecutiva	Causal
Meu namorado é tão otário que lava minhas calcinha	Meu namorado é muito otário porque lava minhas calcinha
Minha namorada é tão otária que lava minhas cueca	Minha namorada é muito otária porque lava minhas cueca

Antes de iniciarmos a análise das paráfrases apresentadas, é preciso que saibamos que dizer “muito” e “tão” otário não é mesmo que dizer “mó” otário; pois há uma argumentação escalar em “mó”, que seria o maior, que não funciona da mesma forma com “tão” e “muito”. Ao dizer “meu namorado é **mó** otário”, fazemos uso de um superlativo relativo de superioridade, colocando esse namorado como o maior de todos os otários. Já as paráfrases apresentadas na tabela 1 não apresentam esse funcionamento, visto que ao transformar a oração reduzida justaposta em orações subordinadas adverbiais causais/consecutivas não há como não retirar o superlativo “mó”, o que as distanciam do efeito de sentido apresentado na letra da música. Porém, apesar de distantes, esses efeitos sentido produzidos pelas paráfrases causais e consecutivas são consideráveis e devem ser levadas em conta na análise.

Assim sendo, com a oração subordinada adverbial causal, esbarramos logo na primeira paráfrase, “Meu namorado é muito otário porque lava minhas calcinha”, com algo muito menos sutil do que o apresentado na consecutiva; aqui o efeito de sentido que liga o homem otário e o lavar calcinha é expressamente marcado, lavar calcinha é a causa de um homem otário.

Quanto à consecutiva, o que observamos é que por o ato de lavar calcinhas ser a consequência de um namorado otário, ao substituirmos namorado por namorada (trocando desse modo o gênero) nota-se um funcionamento bem específico; pois ser otário em cada uma das sentenças está expondo efeitos de sentido diferentes. Em “Meu namorado é tão otário que lava minhas calcinha”, pode-se inferir que: aquele que é otário (o namorado) faz coisas (lavar calcinhas) para outra pessoa (a namorada) que deveria ser de responsabilidade dela, ou o homem que é otário lava as calcinhas da namorada. Agora, vejamos como ficaria ao inverter o gênero: “Minha namorada é tão otária que lava minhas cueca”, aquela que é otária (a namorada) faz coisas (lavar cuecas) para outra pessoa (o namorado) que deveria ser de responsabilidade dele, ou a mulher que é otária lava as cuecas do namorado. Se lermos essa paráfrase a partir de uma posição sujeito dominada feminista, não notamos um estranhamento em seu funcionamento na língua,

mas, se lermos a mesma paráfrase a partir de uma posição sujeito dominada machista, perceberemos que há algo no interdiscurso¹⁵ que faz com que esse efeito de sentido não se encaixe tão bem quando a paráfrase apresenta uma mulher lavando cuecas do namorado.

Certamente há uma diferença entre as duas interpretações possíveis (causal e consecutiva), mas, se fizermos dessa a questão norteadora, correremos o risco de ficarmos presos a ela sem que seja feita uma pergunta anterior a esse conflito: porque lavar calcinha = otário e/ou otária = lavar calcinha parece mais próximo à figura masculina do que lavar cueca = otária e/ou otária = lavar cueca à figura feminina na memória discursiva mediante ideologia dominante?

1.2. Palavras-chave “lavar calcinha” e “lavar cueca”

Portanto, o *Twitter* é utilizado mais uma vez aqui como ferramenta de pesquisa: foram feitas duas buscas, uma com as palavras-chave “lavar cueca” e outra com “lavar calcinha” para ver quais as relações que as pessoas fazem em suas postagens com essas palavras específicas.

Ao analisar os *tweets* resultantes da busca pelas palavras “lavar cueca”, foi possível perceber seis tipos de relações feitas pelos usuários da rede. A primeira associação e com menos ocorrências trata-se de usar o termo “lavar cuecas” como uma **ocupação** para aqueles que estão ociosos, que é usado tanto para os homens: “você não tem o que fazer, vá lavar suas cuecas!”; quanto para mulheres: “você não tem o que fazer, vá lavar cuecas do seu marido/namorado!”. Vejamos exemplos:



Figura 6 – *Tweet* do dia 25 de junho de 2018 que tem “lavar cueca” como ocupação. Fonte: *Twitter*¹⁶.

¹⁵. “[...] pode-se dizer que o intradiscurso, enquanto “fio discurso” do sujeito, é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma “interioridade” inteiramente determinada como tal “do exterior” [...]” (PÊCHEUX, 2014, p.154).

¹⁶. Disponível em: <https://twitter.com/Mario_Lisboa/status/1011421806065061888>. Acesso em: 26 jun. 2018.



Figura 7 - *Tweet* do dia 19 de junho de 2018 que tem “lavar cueca” por ocupação.
Fonte: *Twitter* .

Com esses dois exemplos já é possível perceber que há uma diferença no funcionamento do possessivo quando se trata de um homem lavando cuecas e quando se trata de uma mulher lavando cuecas. Pois, quando o termo lavar cuecas por ocupação é usado para se dirigir a um homem, representado pela figura 6, o pronome possessivo “suas” tem o sujeito da ação como referente, indicando a voz reflexiva ao verbo “lavar”. Vejamos:

SD: “**Eles** opinam em tudo mas não tem capacidade de lavar **suas cuecas**”

Eles = homens [referente]

suas = indica posse, com o possuidor na terceira pessoa do plural

cuecas = o que é possuído

Já quando se trata do termo lavar cuecas por ocupação sendo usado para se dirigir a uma mulher, o pronome possessivo “suas” tem como referente o homem/namorado, indicando que, diferente do primeiro caso, não há reflexividade. Ou seja, a ação (lavar cuecas) que a mulher desenvolverá não se refere a algo que lhe é próprio, mas a algo que pertence ao outro, seu namorado/marido/o homem:

SD: “Ah **vai** lavar **as cuecas** cagadas do Neymar e não enche o saco”

Paráfrase : “Ah **vá** lavar **as suas cuecas** cagadas, do seu namorado Neymar, e não enche o saco”

¹⁷. Disponível em: < <https://Twitter.com/nraeot/status/1009165169933643777> >. Acesso em: 26 jun. 2018.

[tu] **Vai** ou [você] **vá** = a sentença exprime uma ordem, portanto está no modo imperativo em que “**vai**” ou “**vá**” é direcionado a uma mulher: Bruna Marquezine.

as/ suas = indica posse, com o possuidor na terceira pessoa do singular em que o referente é outro do apresentado na figura 6; pois, as cuecas não são de Bruna Marquezine e sim de seu namorado. Portanto não há reflexividade.

cuecas = o que é possuído

Também foram encontrados posts em que “lavar cueca” é sinônimo de **maturidade masculina**; lavar cuecas é característica do homem adulto, já as crianças, os pré-adolescentes e os adolescentes são “aqueles que nem lavam suas cuecas ainda”. Vejamos:

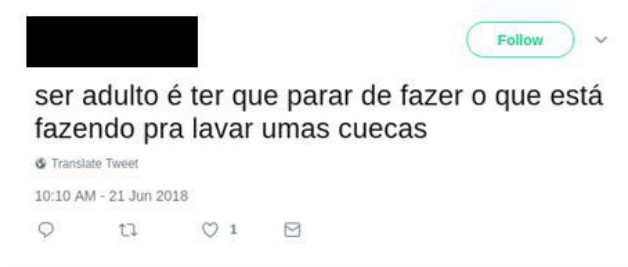


Figura 8 – *Tweet* do dia 21 de junho de 2018 que tem “lavar cueca” por maturidade masculina. Fonte: *Twitter*¹⁸.



Figura 9 – *Tweet* do dia 21 de junho de 2018 que tem “lavar cueca” por maturidade masculina: não tem idade nem para x e quer y. Sendo x igual a lavar cuecas. Fonte: *Twitter*¹⁹.

¹⁸. Disponível em: <<https://Twitter.com/guiza019/status/1009785698319204352>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

¹⁹. Disponível em: <<https://Twitter.com/loonatxc/status/1009829866731196416>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

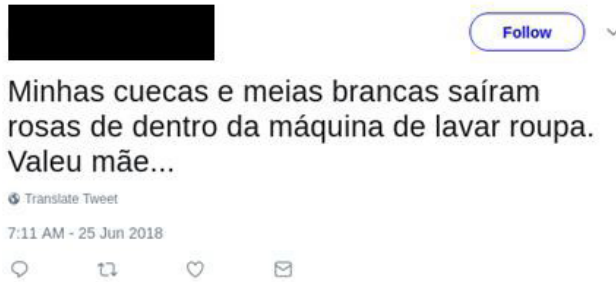


Figura 11 – *Tweet* do dia 25 de junho de 2018 que tem “lavar cueca” por uma tarefa da mãe.
Fonte: *Twitter*²².

No *tweet* representado pela figura 10 observa-se o uso da *hashtag* #PowerCoupeBrasil que refere-se ao *reality show* de casais famosos, “*Power Couple Brasil*”²³, em que ocorreu de um namorado se dirigir a sua namorada para que ela lavasse suas cuecas, pois ele não sabia lavar. Também cabe ressaltar que nos dois *tweets*, em que lavar cuecas é uma tarefa da mãe, não há reflexividade; já que quem realiza a ação (lavar cuecas) não lava as suas próprias e sim as de outra pessoa.

O **ensino** à lavagem da roupa íntima masculina também foi sugerido por uma usuária da rede; porém não é especificado a quem cabe o ensino de tal tarefa, ao contrário de quem deve ser ensinado:



Figura 12 – *Tweet* do dia 19 de junho de 2018 que tem “lavar cueca” por algo que deve ser ensinado aos homens.
*Twitter*²⁴.

²². Disponível em: <<https://Twitter.com/DiegoAbdoon/status/1011190078641762304>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

²³. “Power Couple” é um *reality show* com uma proposta um pouco diferente do que estamos acostumados a ver no Brasil. Nesta atração, que no Brasil é exibida pela Record, onze casais famosos são confinados em uma casa e devem realizar desafios extremos para provar que conhecem bem um ao outro - formato importado de uma emissora israelense” (Disponível em: <https://gente.ig.com.br/tvenovela/2017-06-12/power-couple-brasil.html>). Acesso em: 26 jun. 2018).

²⁴. Disponível em: <https://Twitter.com/laura_csb/status/1009258170877992962>. Acesso em: 26 jun. 2018.

O *tweet* representado pela figura 12 não menciona se cabe a uma mulher ou a um homem a tarefa de ensinar a lavar cuecas, mas deixa evidente que quem precisa ser ensinado é um indivíduo do sexo masculino (filhos e netos) e a lavar as suas próprias cuecas, não a dos outros ou outras. Sendo assim, é passível de afirmação que há o pré-construído²⁵ de que os homens são aqueles que não lavam suas próprias cuecas e, portanto, precisam ser ensinados a realizar tal tarefa.

Já a relação de maior ocorrência com a palavra-chave “lavar cueca” foi relacionada à **tarefa de uma mulher dentro de um relacionamento afetivo com um homem** (namoro, casamento e afins); algumas reforçando que a mulher a faça, outras questionando a razão de um homem adulto não a cumprir. Talvez o grande número de resultados a respeito se tenha dado por conta da repercussão do caso que se passou no *reality show* “*Power Couple Brasil*”. Vejamos dois exemplos:



Figura 13 – *Tweet* do dia 19 de junho que tem “lavar cueca” por uma tarefa da esposa/namorada. Fonte: *Twitter*²⁶.

²⁵. Entende-se o termo “pré-construído”, proposto por P. Henry, “para designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é “construído” pelo enunciado.[...] [Ou seja, é] como se esse elemento já se encontrasse aí [grifo do autor]” (PÉCHEUX, 2014, p. 89).

²⁶. Disponível em: <<https://Twitter.com/Luanna7aries/status/1009257819609198595>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

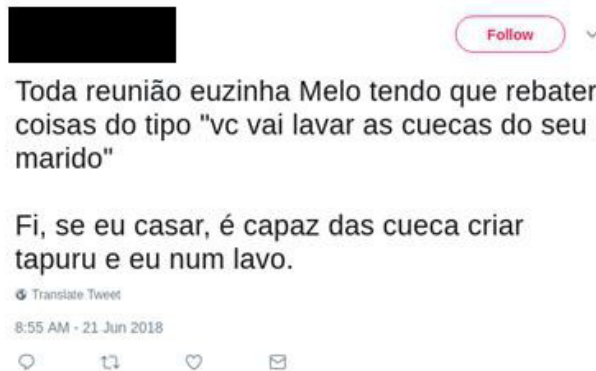


Fig 14 – *Tweet* do dia 21 de junho que tem “lavar cueca” por uma tarefa da esposa/namorada. Fonte: *Twitter*²⁷.

Na figura 13 observamos como o “não dito”²⁸ está atuando na memória discursiva através do *tweet* em forma de pré-construído, visto que quando a autora do *tweet* afirma que quer um homem que saiba lavar as próprias cuecas, temos o pré-construído de que os homens são tidos como os que não lavam as próprias cuecas. Também vemos novamente o uso do adjetivo “próprias” marcando voz reflexiva; neste caso, a ausência dela, uma vez que eles (os homens) não lavam as próprias cuecas, portanto não há reflexividade. Outra questão a ser colocada é: Por que o motivo de essa mulher nunca ter se casado implica em querer um homem que saiba lavar as próprias cuecas? Aqui vemos, além do funcionamento do pré-construído “quero um homem que saiba lavar as próprias cuecas” (em que, interdiscursivamente, os homens são aqueles que não lavam as próprias cuecas), como o casamento traz consigo a ideia de que as mulheres são as que lavam as cuecas de seus maridos, que não sabem lavar e/ou não lavam as próprias cuecas.

Em seguida, na figura 14, notamos que o discurso de que a mulher é a responsável por lavar as cuecas do marido se mantém, ao passo de que a autora do *tweet* diz rebater tais comentários (“você vai lavar as cuecas do seu marido”) afirmando que, se ela casar, as cuecas podem “criar” tapuru (larva de mosca) e ela não lavar. Também devemos nos atentar ao uso da partícula ‘se’ na SD “Fi, se eu casar, é capaz das cueca criar tapuru e eu não lavo” funcionando como uma oração subordinativa condicional; desta forma, assim como o *tweet* representado pela figura 13, a autora se distancia do ato de casar-se, colocando o casamento como uma condição (“se eu casar”) ao não usar uma conjunção subordinativa adverbial temporal (**quando** eu casar), por exemplo.

²⁷. Disponível em: <<https://Twitter.com/vekanandra/status/1009766752459292672>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

²⁸. PÊCHEUX, 2014.

Por fim, foi encontrada uma associação que está relacionada à **classe social dominada**, como se observa na figura 15:

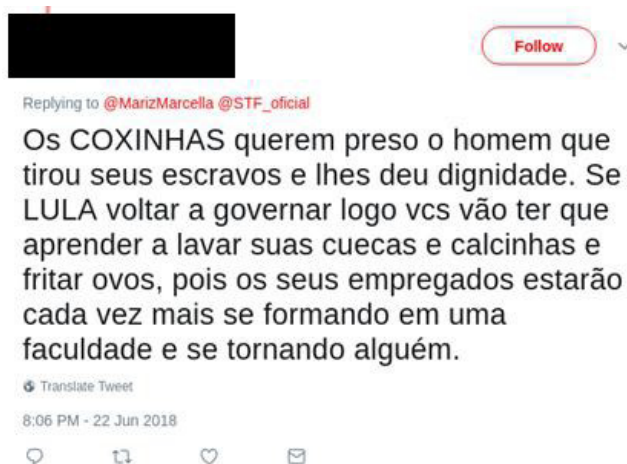


Figura 15 - *Tweet* do dia 22 de junho de 2018 em que há uma associação entre lavar cuecas/calcinhas e classe social. Fonte: *Twitter*²⁹.

Nessa postagem o usuário do *Twitter* afirma que as pessoas pertencentes a uma classe social alta teriam que futuramente aprender a lavar suas roupas íntimas (tanto cuecas quanto calcinhas) caso o ex presidente Luiz Inácio (popularmente conhecido como Lula) voltasse a governar, pois seus empregados (cabe empregados homens e empregadas mulheres), que seriam os responsáveis por essas tarefas no presente, não desempenhariam mais esse papel. Assim sendo, conclui-se que nessa relação feita com as palavras-chave “lavar cueca” há um recorte de classe; pois, os homens e mulheres de uma classe social dominada que aparecem lavando, tanto cuecas quanto calcinhas, não lavam as próprias, mas sim as roupas íntimas dos outros que pertencem a uma classe social dominante.

Na tabela 2 vemos a distribuição de cada associação feita com as palavras-chave “lavar cueca”, quando se espera que **o homem lave cuecas** e quando há reflexividade na ação, ou seja, quando ele lava as próprias cuecas (✓ se a resposta for sim; ✗ se a resposta for não; e — se a resposta à primeira pergunta for negativa):

Tabela 2 - Relações encontradas com as palavras-chave “lavar cueca”, quando o homem lava e se há reflexividade.

²⁹. Disponível em: <<https://Twitter.com/EliasCabreira/status/1010298123619577858>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

Lavar cueca		
	É o homem que lava?	Há reflexividade (lava as próprias cuecas)?
Ocupação	✓	✓
Maturidade masculina	✓	✓
Tarefa da mãe	✗	—
Ensino	✓	✓
Relacionamento afetivo heterossexual	✗	—
Classe social dominada	✓	✗

Enquanto que a tabela 3 aponta a distribuição de cada associação feita com “lavar cueca”, quando se espera que **a mulher lave cuecas** e quando há reflexividade na ação, ou seja, quando ela lava as próprias cuecas (✓ se a resposta for sim; ✗ se a resposta for não; e — se a resposta à primeira pergunta for negativa):

Tabela 3 - Relações encontradas com as palavras-chave “lavar cueca”, quando a mulher lava e se há reflexividade.

Lavar cueca		
	É a mulher que lava?	Há reflexividade (lava as próprias cuecas)?
Ocupação	✓	✗
Maturidade masculina	✗	—
Tarefa da mãe	✓	✗
Ensino	✗	—
Relacionamento afetivo heterossexual	✓	✗
Classe social dominada	✓	✗

Ao analisar a tabela, verificamos que o número de vezes em que as mulheres aparecem realizando a ação é mesmo dos homens, quatro vezes; porém as mulheres nunca aparecem lavando as próprias cuecas, mas sim as cuecas dos homens. No entanto, na tabela 2, constatamos que de todas as situações em que os homens lavam cuecas, eles só não aparecem lavando as próprias peças de roupas íntimas quando se trata de homens pertencentes a uma classe social dominada lavando cuecas de homens (ou mulheres) da classe social dominante.

No que concerne a busca com as palavras-chave “lavar calcinha”, foram encontradas apenas quatro relações distintas. A primeira relação feita com essas palavras foi a já apresentada anteriormente com a figura 15, sobre **classe social dominada**, em que os

empregados (homem e mulher) é que são responsáveis pela lavagem das roupas íntimas de homens e mulheres da classe social dominante. “Lavar calcinha” também aparece relacionado à **ocupação** e **maturidade feminina**, como podemos observar nas figuras 16 e 17 respectivamente:



Figura 16 - *Tweet* do dia 9 de maio de 2018 que tem “lavar calcinha” por ocupação. Fonte: *Twitter*³⁰.

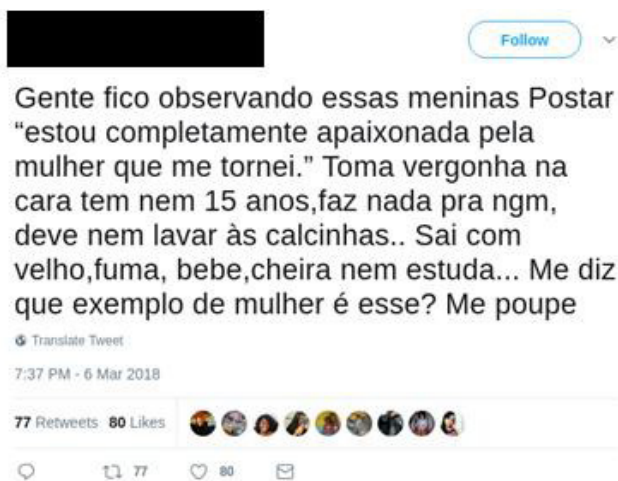


Figura 17 - *Tweet* do dia 6 de março que tem “lavar calcinha” por maturidade feminina. Fonte: *Twitter*³¹.

³⁰. Disponível em: <https://Twitter.com/_floraisa/status/994072523112402944>. Acesso em: 26 jun. 2018.

³¹. Disponível em: <<https://Twitter.com/TalitaBraba/status/971152795712843777>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

Nos dois casos é a mulher que está encarregada de realizar essa tarefa. No entanto, “lavar calcinha” aparece relacionada a uma **tarefa masculina dentro de um relacionamento afetivo com uma mulher**, mas somente quando se trata de trechos ou discussões sobre a música “Meu namorado é mó otário” de MC Carol:



Figura 18 – *Tweet* do dia 20 de março de 2016 que tem “lavar calcinha” por uma tarefa do marido/namorado. Fonte: *Twitter*³².



Figura 19 – *Tweet* do dia 14 de março de 2016 que tem “lavar calcinha” por uma tarefa do marido/namorado. Fonte: *Twitter*³³.

³². Disponível em: <<https://Twitter.com/naosejatrrouxa/status/711701817483206656>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

³³. Disponível em: <<https://Twitter.com/vavavoomers/status/709559987614384128>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

Na tabela 4 vemos a distribuição de cada associação feita com “lavar calcinha”, quando se espera que **a mulher lave calcinhas** e quando há reflexividade na ação, ou seja, quando ela lava as próprias calcinhas (✓ se a resposta for sim; ✗ se a resposta for não; e — se a resposta à primeira pergunta for negativa):

Tabela 4 - Relações encontradas com as palavras-chave “lavar calcinha”, quando a mulher lava e se há reflexividade.

Lavar calcinha		
	É a mulher que lava?	Há reflexividade (lava as próprias calcinhas)?
Classe social dominada	✓	✗
Ocupação	✓	✓
Maturidade feminina	✓	✓
Relacionamento afetivo heterossexual*	✗	—

*Somente foi encontrado na busca feita com as palavras-chave “lavar calcinha” com alguma relação à música “Meu namorado é mó otário” de MC Carol.

Enquanto que na tabela 5 temos as relações feitas com as palavras-chave “lavar calcinha”, quando se espera que **o homem lave calcinhas** e quando há reflexividade na ação, ou seja, quando ele lava as próprias calcinhas (✓ se a resposta for sim; ✗ se a resposta for não; e — se a resposta à primeira pergunta for negativa):

Tabela 5 - Relações encontradas com as palavras-chave “lavar calcinha”, quando o homem lava e se há reflexividade.

Lavar calcinha		
	É o homem que lava?	Há reflexividade (lava as próprias calcinhas)?
Classe social dominada	✓	✗
Ocupação	✗	—
Maturidade feminina	✗	—
Relacionamento afetivo heterossexual*	✓	✗

*Somente foi encontrado na busca feita com as palavras-chave “lavar calcinha” com alguma relação à música “Meu namorado é mó otário” de MC Carol.

Ao analisar as associações feitas tanto com “lavar cueca” quanto com “lavar calcinha”, notamos que, no material, as mulheres aparecem como as que lavam cuecas dos homens quando se trata de uma **ocupação**, de uma **tarefa que é desempenhada pela mãe**, de um **relacionamento afetivo heterossexual** e de uma **classe social dominada**,

também como as que lavam calcinhas de outras mulheres quando estão em uma **classe social dominada**; todas essas são ações em que não há reflexividade. Enquanto que ao analisar os *tweets* em que os homens desempenham a tarefa de lavar calcinhas, algumas categorias são eliminadas por não constarem no material, são elas a **tarefa do pai** (equivalente à tarefa da mãe) e o **ensino** (essa categoria também não consta nem em uma situação em que a mulher seria responsável pelo ensino), restando apenas duas categorias em que os homens são responsáveis por lavar calcinha, a **classe social dominada** e o **relacionamento afetivo heterossexual**, que só aparece relacionado a música “Meu namorado é mó otário” de MC Carol. Os homens também aparecem como os que lavam as cuecas de outros homens em **classe social dominada**, em que não há reflexividade na ação.

Posto isso, a análise dos *tweets* confirma que não há simetria entre lavar calcinha e lavar cueca; já que lavar cueca é uma tarefa diversas vezes ligada também à figura feminina, enquanto que lavar calcinha só apresenta o homem desempenhando tal tarefa em duas categorias, uma que passa por um recorte de classe e uma em que a cantora MC Carol é a responsável por trazer para o campo do dizível³⁴.

Portanto, alguns questionamentos se fazem necessários: o que essa materialidade discursiva (PÊCHEUX, 2014) está querendo nos apontar dentro da memória discursiva (COURTINE, 1999)? Ao vermos as palavras-chave “lavar calcinha” e “lavar cueca” relacionadas, na maioria das vezes, à figura feminina, isso estaria apontando no interdiscurso uma formação discursiva dominante em que as mulheres são colocadas em posição de submissão (uma FD machista, por exemplo)? há uma naturalização desses discursos (em que a mulher é incumbida de lavar roupas) mediante a formação discursiva dominante?

Se prestarmos atenção à letra da música, perceberemos que MC Carol não traz o discurso naturalizado da mulher que lava roupa (íntima). Ao invés disso, a música “Meu namorado é mó otário” apresenta um homem como responsável por realizar a ação de lavar calcinhas da namorada e, ao verificarmos os *tweets*, observamos que fora da discursividade da música essa prática não é relatada. Portanto, estaria MC Carol dando visibilidade a uma FD dominada (feminista) em detrimento de uma FD dominante (machista)?

Após observarmos como se relacionam os termos “lavar cueca” e “lavar calcinha”, voltamos-nos para os versos “Meu namorado é mó otário/ Ele lava minhas calcinhas” da música de MC Carol, partindo da premissa de que o adjunto adnominal “mó otário” está qualificando “namorado” e que no verso seguinte a anáfora “ele” retoma “namorado”,

³⁴. PÊCHEUX, 2014.

mais especificamente o por que desse namorado ser otário, iniciaremos analisando ‘ele’, ou seja, o namorado/ o homem.

O fato de ser um homem lavando roupa íntima causa um efeito de sentido que é responsável por um estranhamento, pois tem algo que é da “memória discursiva” (COURTINE, 1999) que sugere que a figura feminina é que é designada para tal tarefa, como foi observado ao analisar os *tweets* em apareciam as palavras-chave “lavar cueca” e “lavar calcinha”. Podemos dizer isso, partindo do conceito de memória apresentado por Courtine

[...] esse processo da anulação de Clémentis, de perda referencial, recalque, apagamento da memória histórica que deixa, como uma estreita lacuna, a marca de seu desaparecimento, mesmo que se coloque aqui em jogo a materialidade não-linguística de um documento fotográfico, é, antes de tudo, na *ordem do discurso* [grifo do autor] que ele se é produzido (1999, p. 15-16).

Então, substituamos “namorado” por “namorada” e “calcinha” por “cueca”:

Tabela 6 – substituição de “namorado” por “namorada” e “calcinha” por “cueca”.

Meu namorado é mó otário/ Ele lava minhas calcinha
Minha namorada é mó otária/ Ela lava minhas cueca

Notamos que, mediante memória discursiva que tem a formação discursiva machista como ideologia dominante e que, portanto é responsável pela naturalização de sentidos como o de a mulher ser responsável por realizar tarefas domésticas (por exemplo), acaba por culminar que em um relacionamento heterossexual seja esperado que a mulher lave as cuecas, o que não costuma caracterizá-la como uma otária. O que seria diferente se o que tivermos for relacionado a memória discursiva tendo como formação discursiva a feminista, em que cabe caracterizar a mulher que lava cuecas como uma otária, mas não trataremos aqui por esse viés, por se tratar de uma ideologia dominada e por aparecer poucas vezes no material apresentado.

2. CONCLUSÃO

Assim dizendo, esse enunciado causa um estranhamento, não por quem está realizando a tarefa doméstica, mas sim por tal pessoa ser qualificada como otária; pois, como apresentado nas tabelas 2, 3, 4 e 5, a lavagem de roupas íntimas na grande maioria das vezes está relacionada à figura feminina. Talvez o que tenhamos aqui seja a confirmação do funcionamento dessa memória discursiva, visto que esse efeito de sentido

(a condição de ser otário) só funciona quando se trata de um homem lavando a roupa de uma mulher³⁵.

Memória discursiva esta que podemos confirmar em trabalhos acadêmicos e artigos como “Amélia que era mulher de verdade?” e “A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher”. Neste último, as autoras vão tratar da sucessiva busca por qualificação e do crescimento da mulher no mercado de trabalho em contrapartida com as responsabilidades domésticas e de cuidado dos filhos que permanecem como exclusivas do sexo feminino. Nessa pesquisa qualitativa

foi possível identificar pelos relatos o início de uma reformulação da estrutura familiar, contudo, como observa Girão (2001), continua recaindo sobre as mulheres o ônus dessa reestruturação, pois, mesmo assumindo funções técnicas no mercado de trabalho, elas ainda se sentem responsáveis pelas funções do lar e muitas resistem à ideia de delegação das tarefas domésticas, o que dificulta o estabelecimento de novas formas de relação e as faz definir as ações do marido como de “apoio” e não de compartilhamento. Neste caso, a “tripla jornada”, o “acúmulo” ou a “conciliação de tarefas” é entendido pelas próprias mulheres como “um apêndice do trabalho assalariado” (HIRATA e KERGOAT, 2007, p. 599 apud VIEIRA e AMARAL, 2013, p. 409-410).

Além disso, no relato de uma das mulheres é notável que os saberes domésticos não só são ensinados desde cedo às mulheres como também são de seu encargo a coordenação desses trabalhos: “Eu sou mãe de uma adolescente de 15 anos. Então, faço questão de acompanhar sempre que precisa. Eu não tenho que cozinhar e lavar. Eu não tenho essas responsabilidades, mas eu tenho que coordenar essas atividades.” (fala de uma das mulheres entrevistadas, VIEIRA e AMARAL, 2013, p. 409). Também sobre isso, a tese de Neves 2017 pontua que

desde pequenas, as mulheres são socializadas no trabalho doméstico ao lado de suas mães que lhes ensinam variadas tarefas que são conciliadas no dia – a – dia: cozinhar, lavar, passar, costurar, limpar a casa e cuidar das crianças menores. Também lhes inculcam os papéis de mãe e esposa como natural e promotora de realização pessoal. Cegos a diferença entre os sexos, seus pais oferecem uma visão parcial da realidade e idealizam a configuração da família burguesa (p.107).

Ou seja, as tarefas domésticas são ensinadas de geração em geração, de mãe para filha e quando a mulher não pode cuidar da casa e nem tem uma filha para atribuir tal função, é a empregada doméstica que vai se dedicar a limpeza:

Outro aspecto consensualmente revelado nas entrevistas é que, para conciliarem os novos papéis com as exigências do tradicional modelo familiar, as mulheres continuam a adotar o mecanismo de buscar o apoio de uma empregada doméstica, citada com[o] “uma pessoa amiga”, até mesmo como “membro da família” (VIEIRA e AMARAL, 2013, p. 410),

³⁵. Mediante memória discursiva em que a formação discursiva é machista.

o que indica que as tarefas domésticas estão intimamente ligadas ao sexo feminino na memória discursiva, pois a divisão de tarefas entre os gêneros é raramente citada e quando uma das mulheres menciona que seu companheiro faz as compras no supermercado, ela relata tal feito como uma ajuda a ela que teria essa responsabilidade e mais outras e não como uma atividade que é de igual responsabilidade dos dois.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. (s.d.). *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*. Lisboa: Editorial Presença. COURTINE, J. J. (1999). O Chapéu de Clémentis. *Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político*. In: INDURKY, Freda. (org.). Os múltiplos territórios da análise do discurso. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato.
- COURTINE, J. J. (2014). *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: EDUFSCar.
- FEENEY, N. (2014). Top 10 Best Songs. *Time*, s.l., 02 dez. Disponível em: <<http://time.com/collection-post/3613567/top-10-best-songs/>>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- NEVES, C. E. P. (2017). *A Amélia que era mulher de verdade? Produção associada e relações de gênero em comunidades tradicionais de Cáceres/MT: Para além estereótipos e preconceitos*. Tese de Doutorado (Doutora em Educação).
- PÊCHEUX, M. (2012). Metáfora e Interdiscurso. In: PÊCHEUX, Michel. *Análise de discurso*, Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, M. (2014). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP.
- PORQUE “Power Couple Brasil” é tão bom? (2017). *IG*, São Paulo, 16 jun. Disponível em: <<https://gente.ig.com.br/tvenovela/2017-06-12/power-couple-brasil.html>>. Acesso em: 26 jun. 2018.
- RITCHIE, M. (2017). Estudante britânica escolhe Beyoncé como tema de tese de sociologia. *BBC*, s.l., 04 mai. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-39802868> >. Acesso em: 26 jun. 2018.
- “SURUBINHA DE LEVE”: crime ou liberdade de expressão? (2018). *Gazeta do Povo*. Sl.: 21 jan. Disponível em: < <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/surubinha-de-leve-crime-ou-liberdade-de-expressao-156kctc52sr5b946690ww41ts9/> >. Acesso em: 26 jun. 2018.
- VIEIRA, A., AMARAL, G. A. (2013) A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v.22 n.2 p. 403-414.